

DE VOLTA AO JARDIM



"[1] *Aquele que habita no abrigo do Altíssimo e descansa à sombra do Todopoderoso* [2] *pode dizer ao Senhor: Tu és o meu refúgio e a minha fortaleza, o meu Deus, em quem confio.* [3] *Ele o livrará do laço do caçador e do veneno mortal.* [4] *Ele o cobrirá com as suas penas, e sob as suas asas você encontrará refúgio...*" (Salmo 91.1-4a – Nova Versão Internacional)

Na Bíblia, o Livro do Gênesis – escrito por Moisés – é considerado como o “livro dos princípios”. Nele, o autor

descreve a maneira como Deus, pouco antes de criar a humanidade, “*fez os céus e a terra, o mar e tudo que neles há*” (cf. Salmo 146.6 – NVT). No exercício do Seu poder criativo, Deus, a partir do nada, formou o universo em todos os detalhes. Cuidadosamente, Ele criou a Terra e lhe deu condições de ser habitada. Em seguida, a povoou de seres vivos. Por último, Deus criou a humanidade conforme à própria imagem e semelhança, e a colocou para governar a criação (cf. Gênesis 1.26-28). Dentre todas as coisas criadas por Deus, estava o Jardim do Éden, um lugar maravilhoso onde “*Deus fez brotar do solo árvores de todas as espécies, árvores lindas que produziam frutos deliciosos*” (cf. Gênesis 2.9 – NVT). Tudo o que Deus havia feito era perfeito, inclusive a humanidade criada por Ele e colocada “*no jardim do Éden para cultivá-lo e tomar conta dele*” (cf. Gênesis 2.15).

Desde o início a humanidade ganhou posição central na criação pelo fato de ter sido criada à imagem de Deus, isto é, com capacidades intuitiva, criativa e relacional. Diferentemente dos outros seres criados por Deus, Adão e Eva eram capazes de se relacionar com o Criador e, por conta disso, desfrutavam de um profundo amor divino. No livro do Gênesis, Moisés dá a entender que quando soprava a brisa do entardecer, Deus – em Sua presença manifesta – caminhava pelo jardim do Éden e ia ao encontro do primeiro casal de humanos existente no mundo. Juntos, desfrutavam de prazerosos momentos de comunhão e intimidade (cf. Gênesis 3.8). As coisas caminharam plenamente bem até o momento em que a humanidade maculou a perfeição.

Em determinado momento da história, Adão e Eva desejaram algo que só competia a Deus possuir: o conhecimento do bem e do mal (cf. Gênesis 3.5). Toda vez que aspiramos algo pertencente apenas ao Senhor – como aplausos, reconhecimentos, veneração por parte das pessoas – é porque em nosso coração brotaram as sementes da independência e da autossuficiência em relação a Deus. Esse sempre foi o objetivo de Satanás: plantar em nossa mente a ideia de que precisamos de algo além de Deus – e do que Ele estabeleceu para nós – para sermos realmente felizes. Quando isso acontece, nos colocamos em posição de igualdade para com Deus no que se refere à autonomia para tomada de

decisões importantes concernentes à nossa vida. Como resultado, é gerado em nós o sentimento de desprezo pela vontade Deus, tanto em relação aos planos que Ele tem para nós no tempo presente, com também em relação aos projetos gerados no coração dEle para o nosso futuro. Passamos a definir o nosso próprio caminho, sem avaliar com segurança as consequências das nossas decisões. Foi o que Adão e Eva fizeram.

Com a introdução do pecado no mundo, o que era muito bom – atraente, útil, desejável, moralmente correto – deixou de ser inteiramente bom. A inocência e a harmonia da criação original são quebradas quando Adão e Eva escolhem desobedecer a Deus. Como se não bastasse, pelo fato da “semente” de Adão ter sido contaminada pelo pecado original¹, posteriormente toda a humanidade também foi afetada. Na carta aos cristãos em Roma, o apóstolo Paulo ensina que *“quando Adão pecou, o pecado entrou no mundo, e com ele a morte, que se estendeu a todos, porque todos pecaram”* (Romanos 5.12 – NVT). Todos os seres humanos são “decaídos”, nascidos em pecado, predispostos a pecar e caminham para a morte. Foi com esse raciocínio que o salmista Davi declarou: *“sou pecador desde que nasci, sim, desde que minha mãe me concebeu”* (Salmo 51.5 – NVT).

De acordo com a narrativa do Livro do Gênesis, o pecado produziu a queda da raça humana nas dimensões: a) **ecológica**, através da ruptura com a criação – *“maldita é a terra por sua causa”*; b) **psicológica**, através da ruptura consigo mesmo – *“tive medo, pois eu estava nu”*; c) **sociológica**, através da ruptura com o próximo – *“a mulher que me deste”*; e **teológica**, através da ruptura com Deus – *“se esconderam dele”*. Por causa do pecado, a intimidade relacional entre Deus e a humanidade acabou. A comunhão que a raça humana tinha com o Divino se perdeu. Como um dos resultados imediatos do pecado, Adão e Eva foram expulsos do jardim do Éden e o pecado se tornou em uma barreira que separa o homem de sua comunhão com Deus (cf. Isaías 59.2).

A despeito de todos os efeitos negativos produzidos pelo pecado, o amor de Deus pela humanidade não mudou. No coração divino houve o desejo de restaurar a comunhão outrora existente entre o Criador e a Sua mais bela criação. Pela boca do profeta Jeremias, Deus declarou: *“com amor eterno te amei; por isso, com fidelidade te atraí”* (cf. Jeremias 31.3b – A21). Em outras palavras, Deus estava com saudade dos momentos de comunhão e intimidade que havia entre Ele e a Sua amada criação. Por isso, dentro do projeto de Deus para a humanidade, estava o ato de trazê-la **de volta ao jardim**, de volta aos preciosos momentos de comunhão e intimidade existentes antes do surgimento do pecado.

O plano de Deus em reconstruir o relacionamento que havia no jardim do Éden – antes do pecado – se concretizou através da obra expiatória do Senhor Jesus na cruz. Através dela, teve fim a

¹ A expressão "pecado original" indica a infiltração completa e universal do pecado na vida de cada pessoa e na sociedade como resultado da rebelião humana. Quando Adão e Eva desobedeceram a Deus, abriram mão de sua própria inocência e da inocência de seus descendentes, isto é, de toda a raça humana.

inimizade entre Deus e a humanidade. Por meio de Cristo, nossa hostilidade contra Deus foi removida. Colocando a si mesmo em nosso lugar, o Senhor Jesus arcou com a punição que nos era devida. O Filho apaziguou o Pai e promoveu a reconciliação entre Deus e a humanidade, visto que “o SENHOR fez cair sobre ele os pecados de todos nós” (Isaías 53.6 – NVT). Como escreveu o apóstolo Paulo, “Deus fez de Cristo, aquele que nunca pecou, a oferta por nosso pecado, para que por meio dele fôssemos declarados justos diante de Deus” (2Coríntios 5.21 – NVT). Na cruz, Cristo removeu as barreiras que foram estabelecidas pela santidade de Deus para manter o homem longe de Sua presença. Em outras palavras, o Senhor Jesus restaurou a comunhão rompida no jardim do Éden.

Ainda assim, mesmo antes da vinda do Senhor Jesus ao mundo, Deus, como demonstração do Seu amor pela humanidade, proporcionou alguns vislumbres do que haveria de ser o retorno da humanidade ao jardim do Éden. Em determinados momentos na história de Israel, Deus se aproximou de algumas pessoas cujos ouvidos estavam atentos para ouvi-Lo, e o coração disposto amá-Lo. Uma dessas pessoas era Moisés.

O Livro do Êxodo, ao descrever a relação entre Deus e Moisés, afirma que “o SENHOR falava com Moisés face a face, como quem fala com um amigo” (Êxodo 33.11 – NVT). Em Deuteronômio está escrito que “nunca houve em Israel outro profeta como Moisés, a quem o SENHOR conhecia face a face” (Deuteronômio 34.10 – NVT). Moisés foi alguém que, a despeito de passar dois terços de sua vida no meio do deserto, ainda assim habitava o “jardim do Éden”, também chamado de “jardim de Deus” (cf. Ezequiel 28.13). Isso porque o jardim do Éden, o jardim de Deus, não é apenas onde **está Deus (onipresença)**, mas, principalmente, onde **Deus está (presença manifesta)**. Em outras palavras, o jardim do Éden, jardim de Deus, deixou de fazer referência a sua topologia – localização geográfica – e passou a ser abordado pela sua ideologia, por aquilo que ele representa. Sendo assim, todo ser humano pode, se assim desejar, vir a ser um “jardim de Deus”, local onde a manifestação da glória do Senhor se faz presente.

A passagem bíblica citada inicialmente, é considerada por muitos estudiosos bíblicos como a continuação do Salmo 90, escrito por Moisés. Por essa razão, a autoria mosaica também é atribuída ao Salmo 91, principalmente por causa das diversas inferências históricas presentes no salmo e que tem correlação direta com as experiências vividas por Moisés – durante o tempo de sua peregrinação no deserto – na condução da nação de Israel rumo à Terra Prometida.

Se fizermos uma análise metódica das estrofes que compõem o Salmo 91, veremos que cada trecho da poesia está ligado a um acontecimento histórico na vida de Moisés. Em sua maior parte, as experiências vividas por Moisés no deserto envolvem diretamente o relacionamento do profeta com Deus e, por incrível que pareça, muitas delas fazem alusão ao projeto inicial de Deus para a humanidade: a permanência do ser humano no jardim do Éden, o jardim de Deus.

O fato histórico que serve de contexto para o nosso texto bíblico em análise é o que trata do momento em que “[1] *Deus disse a Moisés: ‘Subam o monte para encontrar-se com o Senhor, você e Arão, Nadabe e Abiú, e setenta autoridades de Israel. Adorem à distância. [2] Somente Moisés se aproximará do Senhor; os outros não. O povo também não subirá com ele’...* [15] *Quando Moisés subiu, a nuvem cobriu o monte, [16] e a glória do Senhor permaneceu sobre o monte Sinai. Durante seis dias a nuvem cobriu o monte. No sétimo dia o Senhor chamou Moisés do interior da nuvem. [17] Aos olhos dos israelitas a glória do Senhor parecia um fogo consumidor no topo do monte. [18] Moisés entrou na nuvem e foi subindo o monte. E permaneceu no monte quarenta dias e quarenta noites.*” (Êxodo 24.1-2, 15-18 – NVI).

O texto bíblico acima afirma que Moisés permaneceu no interior da nuvem de glória do Senhor por mais de um mês. Mas o que chama a atenção na passagem bíblica (v. 16) é o fato de que Deus só iniciou uma conversa com Moisés a partir do sétimo dia. Antes disso, não houve diálogo. Não houve proferimento de palavras. De modo que, diante desse evento pitoresco, nos surge uma pergunta óbvia: o que fez Moisés durante o período de seis dias iniciais em que esteve no topo do monte Sinai, no interior da nuvem de glória do Senhor? A resposta para essa pergunta está no primeiro versículo do Salmo 91. Diz o texto que Moisés habitava no abrigo do Altíssimo e descansava à sombra do Todo-poderoso (cf. Salmo 91.1). Durante os seis primeiros dias em que esteve no monte, o profeta se viu completamente abraçado pela presença manifesta da glória do Senhor. Moisés descreveu essa experiência como a de um pintinho que, sob os cuidados da mãe galinha, coberto com as penas dela, debaixo das asas dela, encontra refúgio (cf. Salmo 91.4). Foi com essa analogia em mente que o Senhor Jesus certa vez declarou: “*Jerusalém, Jerusalém, cidade que mata profetas e apedreja os mensageiros de Deus! Quantas vezes eu quis juntar seus filhos como a galinha protege os pintinhos sob as asas, mas você não deixou*” (Mateus 23.37 – NVT).

De acordo com o Livro do Êxodo, Moisés não estava simplesmente no topo de um monte; ele também estava no interior da nuvem de glória do Senhor, totalmente envolvido pela presença manifesta de Deus. Por correlação com a história narrada no início do Livro do Gênesis, é possível afirmarmos que, a despeito de estar em uma montanha no meio do deserto, Moisés estava no “jardim do Éden”, no “jardim de Deus”, local onde a presença manifesta de Deus está; e onde a presença de Deus se manifesta, as palavras muitas vezes se tornam desnecessárias. Quando estamos no abrigo do Altíssimo, e descansamos à sombra do Todo-poderoso, somos envolvidos pela glória da presença do Senhor. Em momentos assim, o que importa é o abraço que recebemos do nosso Pai Celestial. Contudo, o mais lindo dessa relação é o privilégio que temos de poder abraçá-Lo de volta. Mais que isso, é podermos abraçar o nosso Deus e continuarmos abraçados a Ele, pelo simples prazer de desfrutarmos da Sua companhia. É semelhante ao que ocorre no abraço sincero e contínuo de um filho amoroso em seu pai onde, através desse gesto, ele diz: “não tenho vontade de te soltar, não tenho pressa de sair do seu abraço!”. É uma experiência que Adão e Eva tiveram, que Moisés também teve e

é o que cada um de nós precisa experimentar, não apenas em congressos, retiros, vigílias e outros encontros pontuais, mas, principalmente, no relacionamento diário com a Pessoa a quem chamamos de Deus.

De acordo com Moisés nos primeiros versículos do Salmo 91, somente aquele que habita no abrigo do Altíssimo, isto é, aquele que vivencia a mesma experiência relacional que Adão e Eva tiveram com Deus no jardim do Éden, tem impressa em sua vida algumas certezas. Em primeiro lugar, a convicção de que Deus é o seu **refúgio**. O termo é empregado literalmente para o ato de ir aos montes em situação de perigo. Essa ideia tem origem na experiência comum das pessoas em situação de guerra, para quem os montes adjacentes significavam um imediato ponto elevado e seguro, para os quais o soldado desamparado podia correr em busca de proteção. Aplicado de forma mais contemporânea, o termo ilustra o fato de que, assim como uma criança assustada ou temerosa se refugia nos braços do pai, assim também nós podemos nos refugiar nos braços seguros de Deus. Em segundo lugar, aquele que habita no abrigo do Altíssimo tem a segurança de que Deus é a sua **fortaleza**. O termo transmite a ideia de algo que é impenetrável e onde é possível se abrigar rapidamente antes de ser atingido por alguma força nociva. Não deixaremos de ser perseguidos e atacados por problemas e adversidades. Contudo, tais situações não serão capazes de abalar a fé daquele que tem a Deus como fortaleza. Diante disso, tomemos como para nós as palavras de Deus ao povo de Israel: *“Portanto, sejam fortes e corajosos! Não tenham medo e não se apavorem diante deles. O SENHOR, seu Deus, irá adiante de vocês. Ele não os deixará nem os abandonará”* (Deuteronômio 31.6 – NVT). Saiba que, entre você e os seus problemas, está a fortaleza de Deus! Aleluia!

No Antigo Testamento, por causa do pecado, o relacionamento que havia entre Deus e Moisés não podia ser compartilhado com o restante do povo. Como vimos anteriormente, *“Deus disse a Moisés: ‘Subam o monte para encontrar-se com o Senhor, você e Arão, Nadabe e Abiú, e setenta autoridades de Israel. Adorem à distância. Somente Moisés se aproximará do Senhor; os outros não...’”* (Êxodo 24.1-2 – NVI). Mas a partir do Novo Testamento, *“por causa do sangue de Jesus, podemos entrar com toda confiança no lugar santíssimo. Por sua morte, Jesus abriu um caminho novo e vivo através da cortina que leva ao lugar santíssimo”* (Hebreus 10.19-20 – NVT), ao jardim do Éden, ao jardim de Deus, ao abrigo do altíssimo, onde a manifestação da glória do Senhor se faz presente. Para isso, basta que nos acheguemos a Deus com *“coração sincero”* (cf. Hebreus 10.22).

Deus não quer apenas que O busquemos; Deus quer que nós queiramos buscá-Lo – *“Se me buscarem de todo o coração, me encontrarão”* (Jeremias 29.13 – NVT). Deus não espera de nós apenas boas performances; o que Deus deseja é a aplicação do nosso coração. **O mais importante para nós não é o jardim, mas quem habita nele. Não é onde nós, como Adão, nos escondemos de Deus. Mas onde nós, como Moisés, nos escondemos em Deus. Seja você o “Éden” onde Deus**

habita. Volte ao jardim, isto é, volte a ser aquilo que você é no coração de Deus. Permita que a comunhão, outrora existente no Jardim do Éden, seja a fragrância presente em sua vida.

Infelizmente, quase sempre ignoramos o fato de que na maior parte do tempo não estamos no lugar que Deus projetou para nós. Muitas pessoas habitam em desertos existenciais, sem água, sem flores, sem frutos, sem vida e, principalmente, sem Deus. Outras, por causa do pecado, habitam em pântanos existenciais. Vivem permanentemente atoladas nos lamaçais de imoralidade, da culpa, da ignorância, do individualismo.

Na vida de Moisés houve um tempo em que, por causa de suas experiências no “jardim de Deus”, *“quando ele desceu do monte Sinai carregando as duas tábuas da aliança, não percebeu que seu rosto brilhava, pois ele havia falado com o SENHOR. Quando Arão e os israelitas viram o brilho do rosto de Moisés, tiveram medo de se aproximar dele. Moisés, porém, chamou Arão e os líderes da comunidade, que se aproximaram, e Moisés falou com eles. Em seguida, todo o povo se aproximou, e Moisés lhes transmitiu todas as instruções que o SENHOR lhe tinha dado no monte Sinai. Quando Moisés terminou de falar com eles, cobriu o rosto com um véu. No entanto, sempre que entrava na tenda da reunião para falar com o SENHOR, tirava o véu até sair”* (Êxodo 34.29-34 – NVT). Contudo, de acordo com o apóstolo Paulo, a permanência de Moisés diante da presença manifesta de Deus se tornou menos frequente. Em virtude disso, o brilho que havia no rosto de Moisés se dissipou. Ainda assim, ele continuou a usar o véu (cf. 2Coríntios 3.13). Ou seja, em vez vivenciar novos encontros íntimos com Deus, Moisés preferiu viver das experiências que tivera no passado. Sem a permanência da essência, optou por viver de aparência. Não é essa a realidade de vida da maioria de nós, no que se refere ao nosso relacionamento com Deus?



Diante de tudo o que aprendemos até aqui, há algumas perguntas que precisam de sinceras respostas diante de Deus: Onde nós estamos? No monte, ou no vale? No jardim de Deus, ou no deserto do individualismo? Nós adoramos Deus de perto, ou de longe – tendo a visão, mas sem percepção? Permaneceremos fora dos projetos de Deus, ou voltaremos ao jardim, onde é possível descansarmos à sombra do Todo-Poderoso e ouvi-Lo dizer: *“Aquietai-vos e sabeis que eu sou Deus!”* (Salmo 46.10 – A21)? *Soli Deo Gloria.*

BIBLIOGRAFIA UTILIZADA:


BÍBLIA. Português. *Bíblia brasileira de estudo*. Trad. Almeida Século 21. São Paulo: Hagnos, 2016. 25-27 p.

HARRIS, R. Laird; ARCHER JR, Gleason L.; WALTKE, Bruce K.. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. Trad. Márcio Loureiro Redondo, Luiz Alberto Teixeira Sayão, Carlos Oswaldo C. Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998. 1789 p.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa: Houaiss eletrônico*. São Paulo: Objetiva, 2009. Versão monousuário 3.0

RICHARDS, Lawrence O. *Guia do leitor da Bíblia: Uma análise de Gênesis a Apocalipse capítulo por capítulo*. Trad. Alexandre Lacnit (Gênesis a Isaías) e Arsênio Novaes Netto (Jeremias a Apocalipse). Rio de Janeiro: CPAD, 2005. 25-27 p.

VINE, W. E.. *Dicionário Vine: o significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento*. Trad. Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2002. 307, 1115 p.

 Reflexão baseada no sermão homônimo ministrado em 26/08/2018, na Igreja Batista em Jardim Santa Terezinha - São Paulo/SP, durante o Congresso da Juventude em 2018.